



## RESENHAS

SVAMPA, Maristella. *Debates latino-americanos: indianismo, desenvolvimento, dependência e populismo*. São Paulo: Ed. Elefante, 2023.

### Entre o que foi e o que está por vir: a América Latina de Maristella Svampa

Luís Felipe Machado de Genaro ([lmachadodegenaro@gmail.com](mailto:lmachadodegenaro@gmail.com))

Bacharel em História (UEPG), Mestre em História (UFPR) e doutorando em História (UDESC)<sup>1</sup>

A América Latina vive uma encruzilhada no tempo presente, entre os resquícios da primeira onda progressista (1998-2016) e a sua *segunda onda*, marcada, por sua vez, pelo avanço do neofascismo global. Esse avanço pôde ser sentido pelos brasileiros a partir da vitória de Jair Bolsonaro, no Brasil, em 2018, e ainda pode ser sentida na Argentina de Javier Milei, ou mesmo pelos bolivianos nas tentativas de Golpes de Estado transcorridas entre 2019 e 2024, contra o governo de Luís Alberto Arce, como em outras regiões marcadas pelo fortalecimento da extrema direita no continente.

Para a socióloga argentina Maristella Svampa, autora de “*Debates Latino-Americanos: indianismo, desenvolvimento, dependência e populismo*”, a primeira onda, “soube produzir grandes expectativas quanto à aplicação de direitos e das formas de participação popular [...] não obstante, foram encontradas severas limitações e crescentes frentes de conflito.” (Svampa, 2023, p. 376), o que nos leva atualmente a um interregno de complexa definição e incertezas – momento histórico caracterizado pela instabilidade e a falta de clareza que nos turva o olhar. Não por acaso, carecemos de explicações complexas, vista a complexidade do contexto, a partir de instrumentos e ferramentas teórico-metodológicas potentes e já existentes: este o propósito de nossa intelectual resenhada.

Professora titular da Universidade Nacional de La Plata (UNLP) no campo da teoria social latino-americana, escritora de romances e pesquisadora do Conselho Nacional de Investigações Científicas e Técnicas (Conicet), braço acadêmico-científico argentino, Svampa recupera o pensamento social crítico latino-americano a partir de quatro eixos temáticos, abrindo caminhos e atualizando perspectivas frente a um contexto em que novas formas de

<sup>1</sup> Bolsista de Doutorado do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq).

autoritarismo almejam repetir uma distopia que nos remete aos anos 1960 e 1970 na América Latina, quando o arcaísmo e a bruteza militares grassaram no continente.

No Brasil, lançada pela Editora Elefante, a obra “*Debates latino-americanos*” (2023) foi traduzida pela pesquisadora brasileira Joana Salém Vasconcelos, autora de reflexões importantíssimas sobre a ilha de Cuba, onde a obra “*Cuba no Século XXI: dilemas da Revolução*” (2018), editada pela mesma Elefante, juntamente com Fábio Luís Barbosa dos Santos e Fabiana Rita Dessoti, torna-se um guia indispensável para compreender os descaminhos de uma utopia socialista que subsiste aos trancos e barrancos na ilha.

Abaixo da linha do equador, passados mais de quinze anos desde o ineditismo da primeira *onda progressista*, as tentativas de mudança promovidas por governos de esquerda e centro esquerda, os seus conflitos internos, obstáculos e desafios definiram os rumos da América Latina atual. Um continente onde sedimentos históricos de temporalidades passadas pesam sobre os ombros das multidões marginalizadas, precarizadas e trabalhadoras, enquanto heranças de fenômenos como a escravidão, o genocídio de povos originários, a exploração e a concentração de riquezas, o autoritarismo estatal e inúmeros traumas coletivos – como as ditaduras militares da segunda metade do século XX – ainda insistem em não passar.

Por essa razão, engajada na construção de uma América Latina soberana e livre, na *pele* de uma acadêmica de renome internacional, encontrando os mecanismos necessários e os limites entre a militância e a produção acadêmica e científica que busca certa neutralidade ou objetividade, Svampa afirma se adaptar como um animal anfíbio, mostrando-se na obra, de maneira salutar, como uma *intelectual anfíbia*: aquele sujeito pensante “que mantém uma atitude investigativa politicamente engajada, mas que preserva o distanciamento crítico necessário dos movimentos, organizações e comunidades estudadas.” (Svampa, 2023, p. 36).

Nessa chave, a autora realiza um retorno crítico atualizado e de fôlego a temáticas e problemas que parecem eclipsados dentro dos centros universitários, nas graduações e pós-graduações de uma maneira geral, assim como no debate político e eleitoral dentro do espectro das *esquerdas latino-americanas*, campo ideológico que dominou amplamente, em décadas passadas, esses mesmos conceitos, discussões e categorias de análise construídas e disseminadas pelo pensamento social crítico do continente.

A socióloga compreende, sem grandes otimismo, que muito se alterou devido às políticas distributivas e à ampliação cidadã promovida pelos governos de esquerda e centro-esquerda entre 1998 a 2016, ao passo que *nada* tenha sido transformado radicalmente em suas estruturas seculares.

De acordo com Fábio Luís Barbosa dos Santos<sup>2</sup>, a *onda progressista* tem início com a vitória de Hugo Chávez, na Venezuela, no final do século XX, e termina com a deposição de Dilma Rousseff, em 2016, vítima de um golpe parlamentar que depôs a presidenta: “A onda progressista surgiu como reação aos efeitos socialmente deletérios da conjunção entre globalização e neoliberalismo na América do Sul” (Santos, 2018, p. 13), tentando, de inúmeras maneiras e calcada na realidade nacional de cada região, “brecar, a partir da periferia, o movimento em direção à barbárie que caracteriza o capitalismo contemporâneo” (Santos, 2018, p. 13).

Por essa razão, *volver* aos clássicos do pensamento social crítico, referências da antropologia, sociologia, história, ciência política, economia e outras áreas correlatas, e *abraçar* as suas discussões teóricas, muitas delas esquecidas e amplamente utilizadas em um passado não muito distante, parece ser o trunfo de Svampa.

Portanto, frisemos que em “*Debates latino-americanos*”, a socióloga parte dos conflitos e tensões do presente para recuperar de maneira crítica autoras e autores proeminentes desse pensamento *nosso*, por certo, assim como figuras acadêmicas que vêm ganhando destaque nos estudos sobre o continente.

Não por acaso usará o mexicano Pablo González Casanova como uma de suas epígrafes. De maneira epistolar, o autor nos fala sobre a necessária recuperação do pensamento social crítico:

Nos últimos anos, o sociólogo latino-americano padeceu do horror de seus próprios clássicos. É necessário voltar a eles, relê-los ou recuperá-los, sobretudo no que têm de experiência viva frente ao neocolonialismo que acompanha as novas nações desde seu nascimento e, em um sentido mais amplo, na possibilidade que os clássicos da América Latina nos dão de repetir suas façanhas, de falar em pequenos livros sobre os grandes problemas nacionais. (Casanova, 2023, p. 1)

Evidente que a obra de Svampa não é um *pequeno livro* sobre *um* determinado tema, mas aborda grandes problemas históricos e questões sociológicas com amplitude e perspectiva continentais em suas seiscentas e trinta páginas.

Por mais que ela seja construída através de um rigoroso método de análise bibliográfica e analítica, com estilo acadêmico conhecido de pesquisadores mundo afora, a sua leitura não é maçante ou atravancada por jargões desnecessários, podendo ser utilizada por acadêmicos, pesquisadores e docentes universitários preocupados com os rumos do

---

<sup>2</sup> Fábio Luís Barbosa dos Santos, doutor em História econômica pela USP, é um dos pesquisadores brasileiros mais engajados na compreensão dos avanços e obstáculos da esquerda brasileira e latino-americana numa perspectiva marxista – ancorado, principalmente, nas reflexões de Florestan Fernandes – sendo a sua obra “Uma história da onda progressista sul-americana”, também publicada pela Editora Elefante, em 2018, uma obra referência para se compreender a temática de maneira crítica e numa perspectiva continental e transfronteiriça.

continente, assim como por professores de história e sociologia – e suas disciplinas-irmãs – do ensino médio, por exemplo<sup>3</sup>.

Na *Parte I*, “*Debates Latino-Americanos e história*”, a socióloga recupera debates a respeito do indígena e da ideia de *indianidade*, abordando as categorias de *mestiço* e *camponês*, e os cruzamentos e bricolagens realizados pelos intelectuais ao longo do tempo entre essas e a figura do *índio*; vai além das formações nacionais da *alteridade*, de discussões sobre o *outro* que ganham destaque já nas páginas iniciais.

Nada é por acaso: no momento histórico em que os povos originários do continente lutam e resistem contra projetos e desmontes extrativistas que ganham corpo mesmo sob governos de esquerda e centro-esquerda – que dirá sob *novos governos* com traços fascistas<sup>4</sup> – o tema bate à porta com urgência.

Não obstante, recupera a chamada *obsessão* pelo desenvolvimento em um continente marcado pelo seu oposto: o subdesenvolvimento. Sublinhemos, como faz Svampa, que “ao longo do século XX, depois do fim da Segunda Guerra Mundial, as noções de ‘progresso’ e ‘civilização’ foram substituídas pela categoria ‘desenvolvimento’.” (Svampa, 2023, p. 165), tornando-se uma *ideia-força* do discurso sobre e para a modernidade.

No cenário atual, em que não apenas os extremismos de direita ganham força, mas o negacionismo climático e o revisionismo histórico são catapultados por eles, Svampa acerta em realizar a crítica ao *paradigma produtivista* ante o colapso socioambiental em curso.

Depois, recai na temática da *dependência*, que constituiu, segundo a socióloga, “uma teoria com ambição totalizante do social; ou, de modo mais preciso, uma matriz geral de leitura que propunha a articulação estrutural entre o econômico e o político.” (Svampa, 2023, p. 236), com um conhecimento vasto a respeito das análises dependentistas dos sociólogos brasileiros, mas não só, onde debates fecundos acerca do imperialismo, da marginalidade e do colonialismo interno ganham força.

A socióloga também aponta para as querelas entre marxistas e neomarxistas latino-americanos dessas décadas, já que muitos autores consideravam que a teoria da dependência

---

<sup>3</sup> Na edição da Elefante (2023), todos os conceitos e categorias apresentadas por Svampa, em cada subcapítulo, são impressas em *itálico*, levando o leitor a compreender que naquele instante de sua leitura ele estará apto a compreender *aquela* temática específica, estratégia utilizada em toda a obra de maneira salutar.

<sup>4</sup> Seguindo a lógica presente nas considerações de Florestan Fernandes, intelectual tido como referência para Maristella Svampa e mesmo Fábio Luís Barbosa dos Santos, traços de tipo fascista, ou fascistóides, vêm ganhando força nos últimos anos em muitas regiões do mundo, mas principalmente na América Latina e Estados Unidos (a eleição de 2024, com a vitória de Donald Trump, mostra isso com clareza). Alguns desses traços são distintos do fascismo histórico, porém, ainda guardam semelhanças relevantes com aquele fenômeno, como a tentativa de uma “revolução pelos costumes” e uma “transformação na ordem” que impediria uma real revolução social nos moldes socialistas, por exemplo. Na América Latina, para Fernandes, temos uma forte “predisposição elitista de localizar a fascistização *dentro do Estado*, ou, melhor, nas estruturas e funções do Estado” (Fernandes, 2015, p.48-49), quando também se apresentam fora dele, nos movimentos de massa atrelados ao novo mundo virtual das redes sociais.

poderia substituir a análise do social calcada na *categoria de classe*, caindo nas tramas do nacionalismo, ações tidas como “desvios” ideológicos à época.

No último capítulo da primeira parte, “*Populismos, política e democracia*”, os populismos e caudilhismos latino-americanos são cirurgicamente analisados a partir de uma intelectualidade de peso que se debruçou no conceito e nos acontecimentos históricos que sucederam a partir de um fenômeno de *caráter dual, natureza ambivalente*, sempre em mente que qualquer estudo de caso compreendido em chave histórica, para Svampa, deve ser pensado na sua “relação ambígua com a democracia.” (Svampa, 2023, p. 313).

Estereótipos e confusões teóricas são centrais na desconstrução analítica promovida pela socióloga, abordando categorias-chave para entender o *populismo* desde a sua aparição inicial, ainda na primeira metade do século XX, como a democracia restritiva, a manipulação das massas em *jogos eleitorais*, as agitações populares e trabalhadoras, assim como a articulação que se faz, hoje, entre populismos, neopopulismos e neoliberalismo – atrelado a figuras tanto à esquerda, como apontavam jornais da mídia hegemônica ao elencar governantes *radicalizados*, como os ex-presidentes Hugo Chávez, Rafael Correa e Evo Morales, quanto à direita, ao caracterizar Milei e Bolsonaro como tais.

186

Na *Parte II*, “*Cenários, debates contemporâneos e categorias em disputa*”, Svampa insere o leitor nos incômodos de um tempo presente disruptivo e fragmentado, inserindo, não por acaso, os quatro eixos temáticos centrais neste tempo de emergências, como um nervo exposto, contexto em que ganharam força o anti-intelectualismo, os ataques à inteligência e à cultura, o pensamento científico e racional de maneira geral: “Tais debates e reposicionamentos sobre a relação entre extrativismo, retorno do populismo, emergência de uma nova dependência e boom das commodities trouxeram uma fratura no interior do pensamento.” (Svampa, 2023, p. 377)

Se em um primeiro momento a autora tentou recuperar a densidade histórica de conceitos, categorias e narrativas a respeito das quatro temáticas centrais, que caracteriza como *linhas de acumulação* do pensamento latino-americano, na segunda parte da obra, parte do turbilhão do contemporâneo para analisá-los uma vez mais.

Svampa debate a ideia de *autonomia* para os povos originários; realiza crítica ferrenha à ideia de *desenvolvimento* e *progresso* ao retornar ao conceito de *dependência*, visto o apocalipse climático à espreita; assim como os *novos populismos* dentro da realidade latino-americana contemporânea, atrelada aos desdobramentos das ondas progressistas na região, assim como das *ollas reaccionárias*.

Frisemos que ao longo do texto, Svampa detém competência ímpar ao abordar os mais distintos intelectuais latino-americanos, desnudando o seu pensamento com clareza e os espólios teóricos dos que já se foram. Realiza crítica contundente a respeito das polêmicas, embates e avanços no campo acadêmico e político de homens e mulheres que, ao largo do século XX ao adentrar o XXI, tentaram compreender e agir radicalmente para transformar as seculares estruturas da região.

Também não poupa críticas e apontamentos cirúrgicos ao tratar dos governos progressistas, de suas tentativas de *câmbio*, das constituições cidadãs e plurinacionais promulgadas por governos como os de Morales, na Bolívia, e Correa, no Equador. Aborda o avanço das políticas públicas que caminharam *pari pasu* com a crescente despolitização das sociedades latino-americanas, onde os espaços públicos, afora as universidades e novos e velhos movimentos sociais, padeceram de um esvaziamento radical e uma perda de sentido vertiginoso encerrado o ciclo de ditaduras militares e os anos de redemocratização.

Nos múltiplos capítulos, diversas questões são encaminhadas como parte dessas *linhas de acumulação* de nosso pensamento, ideias e ideais que parecem dinamitar o tempo presente com ares de urgência, além de explicações didáticas, recheadas de bibliografia clássica sobre os quatro eixos centrais apresentados no título.

A preocupação de Svampa com os rumos do continente recai na visão que possui e a maneira como apreende as figuras, “paradigmáticas da subalternidade” (Svampa, 2023, p. 115), o sujeito popular, as figuras comuns da *população latino-americano* que está precarizado, desnorteado frente aos avanços da nossa especial modernidade tardia.

Afinal, de que maneira poderíamos entender essas figuras em oposição ao que classificamos como *elite dominante* e seus aliados nacionais e estrangeiros? Quais as formas de contatá-las através do diálogo, da conscientização, das redes de alianças com a sociedade civil, fazendo uso dos instrumentos teóricos do pensamento social crítico? Como reuni-las em agrupamentos e coletivos que sejam ativos e potentes frente a destruição catastrófica promovida pelo neoliberalismo que consome a periferia do mundo, o nosso Sul, diante da avalanche neofascista?

Ao recuperar o poeta independentista cubano José Martí<sup>5</sup>, e citá-lo como referência de um pensamento distante do eurocentrismo de que ainda tanto padecemos, Svampa comenta na introdução:

Certamente, é próprio do pensamento crítico latino-americano extrair tópicos, seu caminho teórico e sua potência dos conflitos sociais e políticos de seu tempo, da análise da dinâmica da acumulação do capital e das formas que assumem as desigualdades sociais, raciais, territoriais e de gênero em nossas sociedades. (Svampa, 2023, p. 39)

E será dessa forma que a socióloga elencará uma série de autoras e autores do passado e do presente, as suas obras mais comentadas e criticadas, os grupos, partidos e frentes sobre os quais foram integrantes, como Pablo González Casanova, Celso Furtado e Aníbal Quijano, trazendo ao debate atual intelectuais de grande impacto nos dias de hoje, como o uruguaio Raúl Zibechi e os bolivianos Álvaro García Linera e Rivera Cusicanqui, atualizando problemáticas prementes que (ainda) estão na ordem do dia.

Quando remetemos ao passado, pontuamos aquilo de que Svampa nos alerta nas mais de seiscentas páginas que compõe a obra: há uma necessidade urgente de se olhar para trás, principalmente para fixarmos o nosso olhar em conjunturas específicas, como as décadas de 1960 e 1970 – a *época de ouro* das ciências sociais latino-americanas – do *espírito latino-americanista* das vanguardas artísticas e da ebulição político-social que promoveu avanços significativos aos coletivos marginalizados e classes trabalhadoras.

Se, como escreveu Svampa, “o processo de construção do pensamento latino-americano, marcado pela consciência da marginalidade, do desenraizamento e, portanto, pela obsessão pela reflexividade.” (Svampa, 2023, p. 39) é uma marca *nossa*, latino-americana, não tenhamos medo de sermos nós mesmos e abracemos essa obsessão.

Em consonância com a socióloga argentina, recuperemos e atualizemos o pensamento social crítico do continente em toda a sua complexidade, potencialidades e tensionamentos frente a uma realidade que urge ser mais do que uma tragédia anunciada.

## Referências

FERNANDES, Florestan. *Poder e Contrapoder na América Latina*. São Paulo: Ed. Expressão Popular, 2015.

---

<sup>5</sup> Político nacionalista, soldado das lutas por independência e poeta, José Martí (1853-1895) é considerado uma das figuras mais importantes da história cubana e latino-americana, sendo lembrado por suas reflexões contundentes a respeito de Cuba e sua relação com as regiões-irmãs do Caribe e do restante da América, na luta contra o colonialismo, o imperialismo norte-americano e pela emancipação e soberania dos povos latino-americanos integrados, em unidade.

SANTOS, Fábio Luís Barbosa d. *Uma história da onda progressista sul-americana (1998-2016)*. São Paulo: Ed. Elefante, 2018.

SVAMPA, Maristella. *Debates latino-americanos: indianismo, desenvolvimento, dependência e populismo*. São Paulo: Ed. Elefante, 2023.

**Resenhas.**

Recebido em: 01/11/2024.

Aprovado em:16/11/2024.